

**CONCURSO LITERÁRIO**  
**DA ASSOCIAÇÃO DE APOSENTADOS**  
**E PENSIONISTAS DA CODEVASF**  
**“VIDA NOVA”**

**“Às sombras do São Francisco”**

***José Augusto Gama da Silva***

***(Severino Bill)***

## **Reminiscências...**

As Entradas e Bandeiras foram as pontas de lanças com que nossos antepassados penetraram no território, rompendo tratados, alargando fronteiras, consolidando a ocupação dos desbravadores. As primeiras, subvencionadas pela “Coroa” e as segundas, de conotação privadas. Os nativos, por índole, não se preocupavam em explorar os recursos naturais. Desde cedo se descobriu que a vocação agrícola das novas terras era patente. Dedicaram-se, à monocultura, à pecuária extensiva e ao extrativismo. Fatos incorporados à nossa história, caracterizam de ambulantes essas ocupações e, por isso mesmo, predatórias. Às vezes, fixavam-se em sesmarias que alicerçaram o feudalismo. A penetração dos sertanistas representou progresso e, na ótica da integração nacional, êxito. Claro que, ao induzir a ocupação do solo, traduzia um esforço de expansão colonizadora, através de um fenômeno imigratório desordenado, destarte com conotação e continuidade de movimentos que produziram este país continente. É razoável se admitir que a construção de Brasília e a sua constitucionalização como capital deste país, não foram apenas resultados de um homem, porém a seqüência de um ciclo: o Brasil mais brasileiro, ocupando todo o seu imenso território, arduamente conquistado. Juscelino Kubistechek supera em importância aos famosos Manoel Borba Gato, Fernão Dias Paes, Anhanguera, Antonio Raposo Tavares e outros. Esquecendo o enfoque ambientalista, assegura-se que os sojicultores, contonicultores, seringueiros, pecuaristas incorporando terras ociosas ao sistema produtivo, tornaram-se novos bandeirantes.

## **Aspectos Gerais do Vale do São Francisco**

A bacia de drenagem do Rio São Francisco, com 640.000 Km<sup>2</sup>, abraça áreas de seis Estados - Minas Gerais, Goiás, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, e parte do Distrito Federal, equivale a 7,5% da extensão territorial do Brasil, assim percentualmente

compartilhados: Minas Gerais – 37,18%; Goiás – 0,62%; Distrito Federal - 0,08% ; Bahia - 47,17%; Pernambuco - 11,23%; Alagoas – 2,48% e Sergipe- 1,24%.

Em comparação aos demais Estados, situa-se em 4º lugar na perspectiva da dimensão e nenhum na potencialidade de água potável de subsolo, com destaque à formação guaranis, no aquífero mineiro. Nesta extensa bacia cabem sete países com a superfície de Portugal. A explosão demográfica do Brasil foi contida, mas não conteve a explosão de municípios. Situam-se hoje, nesta área, 503 municípios. Registrando-se um acréscimo de 81, ou 19,2%, num lapso de 25 anos. Abrange parte do Nordeste, do Sudeste e do Planalto Central, apresenta diversificação de climas: no Alto é úmido e subúmido, o regime de chuvas é no verão, oscilam de 1500mm a 800mm e a temperatura média é de 23°C; no Médio, o clima é subúmido e semi-árido, com chuvas no verão e média de 24° C, variando entre 1200m a 600m; no Submédio, o clima é semi-árido e árido, média de 26,5°C e precipitações de 600mm a 350mm e no Baixo, o clima é semi-árido e subúmido, média de 26°C, o período de chuvas do fim do outono até o inverno, variando de 1300mm a 460mm. Dispõe de cobertura vegetal distinta: Parque Nacional, raras florestas virgens, Cerrado, Cerradão, Campos, Caatingas e algumas matas ciliares. 2/3 do Vale se encontram no semi-árido .

O Vale apresenta riquíssimos depósitos minerais:

- 100% das reservas nacionais de zinco, enxofre, agalmatolito, chumbo e pirofilita;
- 86% das reservas nacionais de diamante e de 70% de sílex;
- 30% a 50% das reservas nacionais de cromo, barita, talco, mármore e gipsita;
- 10% a 30% das reservas nacionais de ferro, calcário, quartzo, ouro, cobre, manganês, fertilizantes fosfatados, argila, ardósia, granito e dolomita;
- 5% a 10% das reservas nacionais de amianto e cianita;
- ocorrências de petróleo e GLP.

As minerações mais poluentes estão no Quadrilátero Ferrífero (MG), com ferro, manganês, calcário, quartzo, pirofilita e agalmatolito; de zinco no município de Vazante(MG); de ouro, diamante e prata na chapada Diamantina; de chumbo, na chapada de Macaúbas(BA); de cobre, cromo e quartzo, nas chapadas Jacobina e Grande(BA); de gipsita, na chapada do Araripe(PE), de petróleo, GLP e fosfatos em AL e SE. Em relação à infra-estrutura aeroviária merecem destaque os aeroportos internacionais de Confins(MG), Brasília (DF), Barreiras(BA) e Petrolina(PE).

Sua população calculada em 18 milhões de habitantes, é cerca de 12,5% do total brasileiro. Apresenta uma densidade rarefeita de 28 habitantes por km<sup>2</sup>, com 60% nas áreas de zonas rurais. A economia repousa no setor primário, preponderando a agricultura sobre a pecuária, ambas todavia conduzidas de maneira rudimentar, excluindo-se os esparsos perímetros irrigados. O extrativismo e o garimpo ainda subsistem e muito agridem. As estações bio-hídricas não conseguiram repor o estoque piscícola de antes das inúmeras barragens, e a intensa poluição, frise-se, mais dos afluentes, comprometeu a calha principal. A população economicamente ativa, no setor primário, é superior àquelas dos demais. Excluindo-se as indústrias que se estabeleceram nas áreas de incentivos fiscais, são de pequeno porte, voltadas para o beneficiamento e a transformação de produtos agropecuários. Valores não são agregados. Enquanto no Submédio, as indústrias vinícolas, sucro-alcooleiras, de processamento de frutas e de tomates, ganham dimensão. No Baixo, todas as usinas de beneficiamento de arroz, fecharam suas portas - assim como as fábricas de fiação e tecelagem desapareceram, agravando os problemas sociais. O setor terciário é inexpressivo. A área cultivada ultrapassa 3,3 milhões de hectares, crescida em virtude da incorporação de novas tecnologias no Cerrado, tornando-o produtivo e ao "boom" da soja e da cotonicultura, todavia a exploração da quase totalidade de sua área perdura de maneira obsoleta.

A outrora alvissareira assistência técnica não mais existe. O esforço despendido na década de 60 com as implantações das Residências Agrícolas, dos Postos Veterinários, produções de matrizes e reprodutores das raças Nelore, Gir e Charoles P/O, no Centro Agropecuário do Paracatu(MG) e no Centro Agropecuário do Formoso(BA), e Holandez PB P/O na Fazenda Modelo de Porto Real do Colégio (AL) desapareceram. Os trabalhos com suínos, visando a introdução de raças de ganho ponderal de peso mais rápido (Duroc Jersey, Landrace, Pietrain, etc.) e válida alternativa para a ascensão sócio-econômica, desapareceram. Os pioneiros também não se descuidaram da caprinocultura e ovinocultura. Os meios de transporte e de comunicação social se restringem aos centros de maior densidade populacional e de vida econômica estável. Por ausência de infra-estrutura de comercialização, ocorrem desperdícios enormes, até perdas totais de safras. As condições sanitárias permanecem precárias. Não há postos de saúde, tampouco hospitais, nem mesmo profissionais da área. A esquistossomose, o mal de Chagas, são reais epidemias. O analfabetismo prepondera, girando nos grotões em 70%. Número insignificante de escolas do ensino fundamental e carência do 2º grau; escassez de regentes habilitados, instalações condignas e material escolar. Poucas prefeituras fornecem transporte e merenda escolar. Nenhuma previdência foi sequer concebida a fim de o auxiliar a conviver com as estiagens.

A principal demonstração de poder é a posse da terra. As do São Francisco são mais valiosas do que as dos seus tributários. No que concerne à sua utilização, quanto mais próximas aos cursos d'água são mais trabalhadas, enquanto à medida que se distanciam ficam de uso restrito à criação do gado mestiço, curreleiro, e pastagens naturais. A estrutura remanesce às sesmarias, mantém grandes propriedades com pequeno número de proprietários. As restantes são fracionados entre pequenos e micros. O poder apenas se maquiou, mas resiste a mudanças; consubstancia-se na força do

dinheiro, calcado à expensa do erário. Exerce-o quem vence eleições, monta “esquemas”. O “Soba” reina cercados por áulicos. O nepotismo triunfa, desafiando leis e os tribunais “dos fazem de conta”. O poder é exercido hereditariamente pelos mesmos grupos nesses últimos séculos. No que concerne à antropologia, Ronald Pierson e Geraldo Rocha, estudiosos do Vale, possuem ideias comuns: o sanfranciscano, na sua constituição, difere do resto do Brasil, formando uma “Sub Raça”, que com mais de três séculos, conservou características étnicas nítidas e estáveis. Apresenta vocábulos indígenas. Algumas aldeias de silvícolas evoluíram, transformando-se em cidades. Expressam-na: Abaeté (MG), Igarapé (MG), Caetité (BA), Ibititá (BA), Irecê (BA), Uauá (BA), Bodocó (PE), Cabrobó (PE), Caetés (PE), Inajá (PE), Itaíba (PE), Orocó (PE), Itabi (SE), Propriá (SE), Canapi (AL), Igaci (AL), Inhapi (AL), Traipu (AL).

Singravam suas águas embarcações das mais variadas formas, movidas a motores estacionários ou de popa, de velas graciosas, lembrando o vôo das gaivotas, a remo, as lendárias “gaiolas”, com muito jogo a bordo. As mais belas eram ornamentadas nas proas por carrancas, uma das mais enigmáticas manifestações da arte popular brasileira, cuja forma zooantropomorfa se mostra de uma originalidade sem similar na história das navegações. Mesclando detalhes humanos com os de animais, sobretudo a generosa cabeleira à forma da juba de leão, apresentam expressão de ferocidade. São feitas de um único tronco de madeira e retratam apenas a cabeça e o pescoço de alguma figura mitológica indeterminada. Evidencia-se a sua estratégica posição geográfica. Se **Geopolítica** é a consciência geográfica de um povo e de uma nação, a bacia do São Francisco, apesar de suas características, permanece ao largo do processo de desenvolvimento nacional.

## O Rio São Francisco

A conquista do Rio São Francisco começou a 04 de janeiro de 1504, quando Américo Vespucci descobriu sua foz. O aproveitamento de suas potencialidades seguiu o curso inverso de suas águas: de baixo para cima. A fundação da cidade de Penedo (AL), atribuída ao donatário Duarte Coelho Pereira, em 1545, e em 1637, os holandeses ao construírem, nessa cidade, o Forte Maurício de Nassau, provaram não só o fascínio e o valor estratégico do grande rio.

Subindo o rio em busca de *habitat* à criação de gado e fugindo do litoral cada vez mais vocacionado à produção de cana-de-açúcar, o sertão deslanchava à colonização. Os currais tornar-se-iam responsáveis pelos primeiros núcleos povoadores do Vale, lançando as sementes que germinaram em vilas e cidades de hoje. Por isso, recebeu a alcunha de **Rio dos Currais**. Orlando Carvalho assegurou que “os ladrões introduziram a civilização na bacia de drenagem do Rio São Francisco. Quando o padre Navarro varou o sertão, em 1554, encontrou na região uma diversidade de raças, normalmente de índios rechaçados da zona da mata... com o tempo, escravos evadidos dos canaviais vinham acolher-se entre eles. E, os criminosos fugindo da justiça portuguesa eram recebidos de braços abertos, porque traziam experiências de muitas coisas úteis aos indígenas”. Os povoados e as vilas oriundos dos currais se isolaram, descurando-se os registros dos seus fatos históricos. Na maioria não existia autoridades jurisdicionais, motivo que induziu Vicente Licínio Cardoso a designá-lo **Rio Sem História**. A partir do século XVIII, seguindo as pegadas das primeiras descobertas de ouro nas suas nascentes, se transformou numa importante estrada, interligando as civilizações do ouro às do couro, facilitando o fluxo das correntes migratórias. As revoluções constitucionais imortalizaram-no como **Rio da Unidade Nacional**.

Na 2ª Grande Guerra, ressurgiu no cenário geopolítico ao ser convocado a

desempenhar relevante papel na integração nacional: os torpedeamentos de vários navios nas costas de Sergipe puseram em risco a nossa navegação de cabotagem. A solução mais exequível era reavivar o traço-de-união entre o Sul e o Nordeste. O Rio navegável no trecho Pirapora (MG) a Petrolina (PE) foi lembrado. Por mais de 30 anos, o Velho Chico contou com os serviços da Companhia de Navegação, através de suas lendárias “gaiolas e chatas” subindo e descendo, em idílicas viagens. O percurso Piaçabuçu (AL) a Piranhas (AL) se incorporou, transportando gente, animais, produtos variados, progresso. Desponta o **Rio da Integração Nacional**.

Impende-se adicionar mais duas observações: uma mística, outra gráfica/matemática. Afirmam os poetas sacros que o Cruzeiro do Sul é a assinatura de Deus em estrelas, após concluir sua imensa obra, o Universo. O Rio São Francisco é a marca do **grande artista celestial**, na sua obra-prima do hemisfério. É a assinatura de Deus, em águas, concluído o Brasil. Cumprido o seu trajeto geográfico, apresenta a forma do Sigma. Traça com **Sabedoria** a **Saudade** do seu **Sensível** significado: **Símbolo**. O Rio nasceu como símbolo de um país fraterno que enseja à sua gente um poderoso veículo de desenvolvimento: água excelente e perene. Constitui-se em lágrimas de **Solidariedade** ao **Sofrimento** aos irmãos nordestinos. Não esconde a sua **Sensualidade**: a contida do jovem **Francisco** e a incontida do moço **Agostinho**, o pecador de Tagasta. Suas águas calmas, ganham musculatura, tornam-se indômitas, geram esperanças, fecundam sonhos... antes de abraçarem o mar lembram “um lago azul sem ondas, sem espumas... A metáfora matemática se comprova: o São Francisco desenha uma Integral – mais uma astúcia do Criador – como a asseverar que ele não foi criado para meras especulações, ou cálculos tipo custo/benefício, contudo para integrar regiões e gente desta nação, tão desintegrada no conteúdo, na aparência e na prática. Surge timidamente no Chapadão da Zagaia, na Serra da Canastra, em MG. Atravessa este Estado, corta a BA, banha PE,

limita a BA com PE e AL, AL e SE, fortalecidos, amalgama-os. Despontando no Noroeste do RJ, em áreas montanhosas de elevadas precipitações, inflete caprichosamente para o Oeste, deriva em seguida para o Norte. Ainda em MG, por força de seus pujantes afluentes, acumula 75% do seu volume de água. Fugindo à lógica e à gravidade, o São Francisco ao invés de descer rumo ao Sul, sobe a fim de cumprir uma missão. Atravessa, servindo uma das regiões mais inóspitas do Brasil, dá a última guinada, para o Leste, desce abruptamente, volta a ser navegável e, 300km adiante, cansado, desagua no Atlântico. Formam-no 36 afluentes, dos quais apenas 19, isto é 52,70% são permanentes. A drenagem de sua Bacia é feita por todos. Sem comentar o valor de suas contribuições, eis seus formadores: 01) margem esquerda: Indaiá, Abaeté, Paracatu, Urucuia, Pandeiros, Carinhanha, Corrente, Grande, todos perenes. Incluir os rios Traipu, Itiúba, Boacica e Marituba só acrescenta conhecimento; 02) margem direita: Pará, Paraopeba, Rio das Velhas, Jequitai e Verde Grande, todos perenes. Em nada acrescentam o Jacaré, o Cotinguiba, o Betume, no Baixo. Os periódicos, eufemisticamente citados como intermitentes, são: 01) margem esquerda: Pontal, Brígida, Pajeú, Moxotó, Ipanema; 02) margem direita: Ceraíma, Paramirim, Jacaré, Verde Pequeno, Salitre, Curaçá, Riacho, Poço Comprido, Macururé, Xingó. Na BA, somente os Corrente e Grande são permanentes, oriundos das fronteiras de GO e TO. Ressalta-se que, após o encontro do Rio Verde Grande entre terras de Manga (MG) e Iuiú (BA) não conta, pela margem direita, com um só tributário perene, enquanto que, pela esquerda, a derradeira contribuição permanente é do Rio Grande que desemboca na cidade da Barra (BA).

Constata-se, que, afora a Serra da Canastra, são os solos do Cerrado e a “caixa d’água” mineira que lhe asseguram o seu volume hidrográfico. As chuvas que percolam e as águas armazenadas no sub-solo, são súbita e gradativamente drenadas para a calha principal, por meios vários (Marimbus, Veredas, Ribeiras, Córregos, Ribeirões,

Subafluentes). Ressalta que administrar bem os Cerrados, todas as sub-bacias e os aquíferos é vivificar o São Francisco. A ação predatória do homem está modificando o regime de todos os seus afluentes. Descargas anormais, desmatamentos, poluentes, esgotos, lixos, retiradas abusivas de águas, extrativismos, pesticidas, etc além de comprometerem os rios, alteram a eficiência dos lençóis.

A gênese continua: o avanço da agricultura nos Cerrados, o emprego de florestas para a produção de carvão, a dragagem para o garimpo de diamantes, gemas preciosas e semi-preciosas, as minerações, são mais conflitos à drenagem da bacia, provocando modificações, carreando materiais sólidos e nocivos para a calha principal. O seu assoreamento é o mais intenso entre os grandes rios do Brasil. A contínua e progressiva poluição inspira comentários mais fortes.

Oficialmente, estão identificadas quatro divisões fisiográficas: 01) Alto – da nascente até Pirapora (MG); 02) médio – de Pirapora (MG) até a barragem de Sobradinho (BA); 03) submédio – de Sobradinho à Cachoeira de Paulo Afonso (BA); 04) baixo – de Paulo Afonso até sua foz. No Alto, o São Francisco dá a impressão de querer se abraçar ao Rio Grande, afluente do Paraná. Incipientes estudos foram realizados visando a interligação do nosso **Chico** com a bacia hidráulica do Prata.

O professor Maurício Joppert, estudioso do São Francisco, sugeriu, a construção de uma série de barragens no trecho de Santa Maria da Boa Vista e Petrolândia (PE). Obras de múltiplas finalidades permitiriam a navegação de Pirapora (MG) às catadupas de Paulo Afonso ontem, e hoje às fraldas da barragem de Itaparica, além da geração de energia, reservação d'água, perenizando os rios e riachos intermitentes da área, ensejando condições de sustentabilidade às suas populações.

Não obstante a bacia de drenagem do Rio da Unidade Nacional se deparar com imensas dificuldades, todas oriundas de gerenciamento, o sanfranciscano não pode ser

egoísta no emprego de suas potencialidades. A ele se destinam prioritariamente os benefícios dos seus recursos naturais, porém, em hipótese alguma, o exclusivo. É-lhe *in natu* a generosidade.

Esta é mais uma descrição do Rio da Integração Nacional. Talvez, a menos erudita, contudo a mais pretensiosa e apaixonada, tecida por quem saciou sua sede em suas águas, alimentou-se dos seus frutos, sentiu os bafejos mornos do seu sopro e criou, nas suas tradições e esperanças, seus filhos, guardando suas imagens naqueles recônditos mais íntimos de ternura que acompanham o homem na sua vida.

### **Apoio Institucional**

Ao promulgar as Disposições Transitórias da Constituição de 1946, os constituintes reconheceram a transcendental importância da bacia de drenagem do São Francisco no contexto nacional e demarcaram o que se pode definir, a Bandeira do século XX. Liderados pelo deputado Manuel Novaes (BA) demonstraram descortino e compreensão ao pernambucano de nascimento e baiano por opção, médico, que se dedicou às causas sanfranciscanas. Sua obstinação, induziu seus pares a distinguir o São Francisco. A aprovação, compelia o governo federal a executar um plano de aproveitamento da bacia hidrográfica do São Francisco e, na sua execução, aplicaria, anualmente, no espaço ininterrupto de 20 anos, quantia não inferior a 1% das Receitas Tributárias da Nação.

Decorridos mais de 60 anos de intervenções do Governo Federal, necessário se faz proceder análises comparativas das atuações dos três organismos, voltados para a mesma região e perseguindo objetivos iguais. Trata-se de espinhosa tarefa que os atuais administradores rejeitam.

## CVSF

A lei nº 541 de 15/12/48 criou a Comissão do Vale do São Francisco – CVSF, subordinando-a à Presidência da República. O seu prestígio era inquestionável. Não seria exagero acordar que a CVSF possuía *status* de um ministério extraordinário.

Sucintamente, o Decreto nº 29807 de 25.07.51 que aprovou o Regulamento da CVSF estabeleceu metas: **a regularização do regime fluvial; controle e utilização de suas águas; melhoria da navegabilidade do Rio São Francisco, de sua barra e de seus afluentes; aproveitamento do potencial hidrelétrico; desenvolvimento da irrigação e da drenagem; aparelhamento dos portos fluviais; ampliação do sistema de transporte e da rede de comunicações; melhoramento do tráfego fluvial; saneamento básico dos núcleos urbanos e das zonas rurais; proteção contra cheias e erosões; desobstrução dos cursos de água e drenagem dos pântanos e lagoas; urbanização regional; exploração e conservação das riquezas minerais, da flora e da fauna; reflorestamento e uso adequado das terras; fomento à produção; incremento e normatização das migrações; colonização; educação e ensino profissionalizante; amparo à saúde e assistência às populações e defesa dos interesses coletivos, inclusive pela desapropriação de áreas necessárias.**

A história pode sugerir ter sido a CVSF a primeira agência de desenvolvimento regional do Brasil. Sediada na Capital da República, contou no seu limiar com cérebros de reconhecidas notoriedades. Estruturou-se e já em 1950 principiava as instalações de suas unidades executivas em municípios criteriosamente eleitos. O seu arcabouço era de uma simplicidade capaz de corar os ideólogos do presente. Segue seu organograma:

Superintendência; Diretoria de Engenharia e Obras; Diretoria de Assistência e Produção  
e Diretoria de Administração e Finanças

Na bacia hidrográfica, 5 Distritos, incumbidos da infra-estrutura física, cobrindo as áreas de acordo com a sua divisão geográfica e suas necessidades mais prementes. O 1º Distrito situado em Belo Horizonte, o 2º em Pirapora (MG), o 3º em Bom Jesus da Lapa (BA), o 4º em Juazeiro (BA) e o 5º em Propriá (SE). Um avião Cessna 180 baseado em cada Distrito permitia a locomoção de seus funcionários. Os pequenos campos de pouso, dotados apenas de uma biruta, satisfaziam. Cada Distrito possuía equipamentos pesados para serviços de infra-estrutura e técnicos que eram organicamente vinculados à Diretoria de Engenharia e Obras.

As RA, os PV, os Núcleos de Colonização, de Assistência à Irrigação e os Centros Agropecuários, subordinados à Diretoria de Assistência e Produção. Situavam-se: Curvelo (MG), Pirapora (MG); Montes Claros (MG), Januária (MG), Carinhanha (BA), Barra (BA), Barreiras (BA), Guanambi (BA), Irecê (BA), Jacobina (BA), Pão de Açúcar (AL), Penedo (AL) e Propriá (SE), Pirapora (MG), Montes Claros (MG), Remanso (BA), Uauá (BA), Jeremoabo (BA), Petrolina (PE), Belém do São Francisco (PE), Águas Belas (PE) e Pacatuba (SE). Todas as RA comandavam patrulhas moto mecanizadas, constituídas por *bulldozers* para a construção de pequenos açudes, barragens, aguadas etc, tratores empregados para revolvimento de solos e seus implementos (arados, grades, entaipadeiras, etc.), serviços esses prestados aos rurícolas a preços módicos. Tanto os PV quanto as RA, auxiliando-os, contavam com Carteiras de Revenda de insumos básicos. Os Núcleos de Assistência à Irrigação de Petrolina (PE), Cabrobó (PE) e Coripós (PE), atual Santa Maria da Boa Vista e Belém do São Francisco (PE), traçaram o futuro daquela área, vocacionada à produção de frutos nobres. Os Núcleos de Colonização do Paracatu e o de Petrolândia (PE), pioneiros na reforma agrária. O NC do Paracatu explorava agricultura de sequeiro e a pecuária de corte, distribuindo matrizes de Nelore e

Gir, e suínocultura. O Centro Agropecuário do Formoso, com marcante trabalhos agrostológico e na pecuária de corte (Gir e Charolês).

A Sede se comunicava com suas dependências do interior, e essas entre si, por rádio em Morse, e áudio para o apoio às aeronaves era inclusive utilizado pelo Banco do Brasil para transmitir recursos. O recebimento de “satélites” era festivo.

Deixou como marcas 4.354 km de rodovias, 54 pontes; mapeamentos em várias escalas; carta morfológica de toda a bacia na escala de 1:250.000; instalou e operou uma rede hidrológica, com postos linimétricos; postos fluviométricos e pluviométricos; estações evaporimétricas. Construiu *piers* nos portos principais. No setor aéreo foram construídos 72 aeroportos e campos de pouso, dos quais 12 eram usados regularmente pelas companhias aéreas como rotas comerciais. Preocupou-se com o abastecimento de água. Em atividades de educação e saúde não se descurou. Responsabilizou-se, diretamente nos Centros Agropecuários e Núcleos Coloniais, construindo e mantendo escolas do ensino fundamental e postos de saúde. A CVSF subvencionava mais de 200 estabelecimentos de ensino básico e 143 hospitais regionais, maternidades e postos de saúde. Reconhecendo que foi a CVSF que introduziu a motomecanização no Vale, o arado emblematiza uma praça em Irecê (BA). Fundou a Companhia de Navegação do São Francisco. Para encurtar distâncias, colocou em funcionamento em locais estratégicos balsas (*ferryboats*).

Pontificou na geração e distribuição de energia elétrica. Além da grande hidrelétrica de Três Marias (MG), construiu Pandeiros (MG), Cajuru (MG), Samburá (MG), Abaeté (MG), Paraíso (MG) Canabrava (MG); Correntina (BA). Estendeu 2.736 km de linhas de transmissão, 35 estações rebaixadoras. Instalou termelétricas, em diversas comunidades. Até São Cristóvão, a primeira capital de Sergipe, foi contemplada.

Prestigiando-a, na Câmara dos Deputados foi instalado a Comissão Parlamentar

da Bacia do Rio São Francisco. Compô-la era uma acirrada luta. Findo o seu prazo legal, foi extinta.

### **SUVALE**

O Decreto – Lei nº 292 de 28.02.67, criou a Superintendência do Vale do São Francisco – Suvale, autarquia, subordinando-a ao MECOR. Surgida, com menor robustez do que sua antecessora, à Suvale foram-lhe atribuídos os mesmos objetivos da CVSF, embora encolhida. E a região bastante prejudicada. Menos prestígio, menos recursos, menos realizações. Da subordinação à Presidência da República foi rebaixada à Sudene. O seu organograma, na sede, mudou apenas a designação da Diretoria de Produção e Assistência para Diretoria de Valorização Rural portanto não diferia na essência do organograma de sua predecessora. No interior, permaneceram os Distritos, mas as RA e os PV fundiram-se em Escritórios de Valorização Rural, assim distribuídos: Pirapora (MG), Montes Claros (MG), Guanambi (BA), Jacobina (BA), Irecê (BA), Petrolina (PE), Pão de Açúcar (AL), Penedo (AL) e Propriá (SE). Novo enxugamento com a fusão de todas as unidades operacionais, fixando-se em 6 Grupamentos que evoluíram em Agências Regionais. A 1ª em Belo Horizonte (MG), a 2ª em Pirapora (MG), a 3ª em Bom Jesus da Lapa (BA), a 4ª em Irecê (BA), a 5ª em Juazeiro (BA) e a 6ª em Propriá (SE), 3 Subagências: a 1ª em Brasilândia (MG), a 2ª em Barreiras (BA) e a 3ª em Petrolândia (PE), subordinadas pela ordem à 1ª Agência Regional, à 3ª e à 6ª.

A Suvale enxugou algumas atividades herdadas, terminou todas as obras que se achavam em andamento, transferiu para os Ministérios e Estados missões que por lei não eram mais de sua alçada e concentrou seus poucos recursos em áreas de potencialidades inquestionáveis. Com o governo de MG, firmou convênios, sendo intervenientes: CEMIG, CASEMG, CAMIG, ACAR-MG, COMAG, Fundação Rural Minas, Secretarias de Agricultura da Saúde e da Educação, o DER-MG e o Instituto Mineiro de

Florestas. Por intermédio do IEF, implantou uma área de 7.000 ha no perímetro do Reservatório de Três Marias, o primeiro projeto de reflorestamento ciliar do Vale. Procedimentos idênticos com a BA, envolvendo: EMBASA, COELBA, ANCARBA, Secretarias de Agricultura, de Saúde e de Educação, e o DERBA; com PE; a CELPE, a COMPESA, ANCARPE, o DER-PE, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, as Secretarias de Agricultura, de Saúde e de Educação, a Companhia de Revenda e Colonização-CRC, a SANEPE e DERPE; com SE, transferiu recursos para o da construção da Adutora Sertaneja Sergipana. Financiou a ENERGIPE, a DESO, a COMASE, a EMATER-SE, o DER-SE, as Secretarias de Saúde, Educação e SUDAP; com AL celebrou convênios bancando as construções das Adutoras das Bacias Leiteiras, Fumageira que impulsionou o desenvolvimento de Arapiraca e oito municípios do seu percurso. A CASAL foi o órgão executor. Financiou também a CEAL, a COPAL, a EMATER-AL, e o DERAL, construindo pontes em Batalha e Jacaré-dos-Homens. Bancou ações da Secretarias de Saúde, Agricultura e Educação.

No âmbito federal promoveu dois *campi* avançados do Projeto Rondon, respectivamente em Barreiras (BA) e Irecê (BA); a FSESP, DNPVN, CIBRAZEM, SUCAM, ABCAR e cataliticamente atuou junto aos demais ministérios. Foi executora do PROVALE, provavelmente o maior programa especial lançado na bacia do São Francisco e firmou convênio com a USAID e o Bureau of Reclamation. Instalou um banco de dados: levantamentos geológicos, geotécnicos, pedológicos, solos classificados para irrigação, sondagens, mapeamentos aerofotogramétricas, ortofotogramétricos, planimétricos e altimétricos, topográficos, sócio-econômicos etc. Auxiliou a fundar a Associação Brasileira de Irrigação e Drenagem – ABID, dedicando-se à sua consolidação. Vale a pena frisar que, conquanto houvera se voltado para a irrigação, tinha plena consciência de que a maior parte da bacia de drenagem do São Francisco, até pela limitação de água,

encontrara na agricultura de sequeiro sua base econômica. A experimentação agrícola era exercitada a fim de descobrir culturas e cultivares que melhor se adaptassem às condições ecológicas mais diversas. Produzia aves das raças *Meat Nick*, *Leghorn* e *New Hampshire*, bem como suínos, destinados a melhorarem geneticamente os plantéis da região. Introduziu no Submédio caprinos das raças Boar, Parda Albina e *Saanen*, e ovinos Santa Inez.

Preocupou-se com o assoreamento da calha principal, a erosão em diversos trechos, principalmente na cidade de Piaçabuçu (AL) que ameaçava desaparecer. Efetuou a batimetria da foz e em vários trechos do São Francisco. Construiu 5 Centros de Treinamento para Irrigantes: Pirapora (MG), Barreiras (BA), Formoso (BA), Petrolina (PE) e Marituba (AL).

Em obediência ao art 4º do Decreto-Lei nº 292, selecionou suas Áreas Programas. Ei-las: Três Marias; Paracatu; Jequitá/Pirapora/Rio das Velhas, Jaíba; Rio Corrente; Rio Grande; Projeto Piloto de São Desidério; Irecê; Juazeiro/Petrolina e Casa Nova; Projeto Piloto de Bebedouro; Projeto Maniçoba (BA); Projeto Mandacaru (BA); Projeto Massangano (PE); Projeto Malhada Real (PE); Projeto Piloto Bebedouro (PE); Projeto Petrolândia (PE); Várzeas inundáveis e as Bacias leiteiras alagoana e sergipana. Aclimatou bovinos da raça Holandesa P. B. e o leite despontou. Ali instalou uma moderna Central de Inseminação Artificial, visando elevar os níveis de produtividade por meio do controle sanitário que afetava a reprodução; a substituição dos reprodutores de baixo valor zootécnico; a promoção do índice de fecundação, assistência veterinária; a valorização do rebanho mestiço, mediante o emprego de sêmen de elevada linhagem; ministrando cursos de fisiopatologia da reprodução e inseminação artificial a técnicos de níveis médio e superior. Capacitava práticos/inseminadores, no uso de sêmens e corrigindo o espaço parto/monta e cobertura e parto.

Compunham o elenco de atividades nesta Área-Programa, a Fazenda Modelo de Porto Real do Colégio (AL) e as adutoras regionais do Sertão Sergipano, da Bacia Leiteira Alagoana, da Bacia Fumageira (AL), a Fazenda São Vicente, o Campo de Produção de Sementes selecionadas, ambos em Propriá (SE).

O Ministério do Interior contratou o *Development and Resources*, empresa precedida por David Lilienthall, que havia reestruturado o TVA, para apresentar um programa global de desenvolvimento à bacia sanfranciscana. O MINTER acolheu os estudos, no entanto diante de verdade institucional brasileira, ajustou-o. De fato, deturpou-o. A lei nº 6.088 de 16.07.74 instituiu a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco – inclui também o Vale do Parnaíba – Codevasf, empresa pública (uma excrescência), hoje vinculada ao Ministério da Integração Nacional.

### **CODEVASF**

A missão e finalidades desta empresa eram semelhantes às de suas predecessoras, dispensando seu texto. Esteve vinculada aos MINTER, Ministérios Extraordinário para Irrigação; da Agricultura e Reforma Agrária; da Integração Regional; do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal; à Secretaria de Políticas Regionais da Presidência da República e, atualmente, ao da Integração Nacional. Essas transferências compulsórias afetavam suas atividades.

A Codevasf iniciou suas ações voltadas apenas à agricultura irrigada e distritos agroindustriais. Apregoava que criaria cerca de 800.000 empregos diretos. O Baixo Vale tornar-se-ia proporcionalmente à superfície o grande produtor de arroz do país. A pecuária foi sumariamente eliminada. Em plena maioria, evidencia-se que esta instituição frustrou os sonhos do sanfranciscano e realizou pouco e o pouco que conseguiu realizar foi mal feito.

As causas desse fracasso são diversas: às pressas se instalou em Brasília e

providenciou a construção de um prédio suntuoso, que adiante hospedou o Ministério de Irrigação e hoje abriga o da Integração Nacional; comprou casas e/ou apartamentos de luxo para sua cúpula; a residência do presidente dispunha de mordomia completa; a “irrigação” no Distrito Federal era intensa! O quadro técnico e de apoio inchou. Seus administradores sequer conheciam o Rio São Francisco. O seu organograma era idêntico aos anteriores, com o neologismo (matricial) Presidência, Diretoria de Engenharia; Diretoria de Produção; Diretoria de Planejamento; Diretoria de Administração. Sem justificativa, transferiu para Salvador (BA) e Aracaju (SE) as sedes de duas Diretorias Regionais, elevando os custos operacionais e retardando decisões só para atender um diretor egresso do RJ. Alugou uma mansão na área mais valorizada e nela instalou a 4ª DR. Comprou um palacete para sua residência, equipando-a de móveis, utensílios, telas, obras de arte, etc. Esse imóvel, adiante foi adjudicado à Procuradora Geral da União. Conquanto dotada de notável infra-estrutura física e desde os primórdios ter sido a sede de suas antecessoras, o Submédio, transferiu a DR de Juazeiro (BA) para Petrolina (PE). As DR deram lugar a Superintendências Regionais. Juazeiro(BA) voltou a sediar uma unidade executiva a 6ª e Petrolina, a 3ª. Duas dependências do mesmo órgão, com a mesma finalidade separadas apenas pelo Rio São Francisco. Fatiar duas áreas, ambas com características, problemas, soluções e gente semelhantes só encontra explicação no deturpado maquiavelismo: “dividir para reinar”. Criar duas estruturas técnico-administrativas em municípios gêmeos, univitelinos, evidencia o escárnio com o povo. Se existem diferenças entre os solos das margens da calha principal no Submédio, no Baixo tudo é rigorosamente idêntico. A 1ª SR foi transferida para Montes Claros (MG), distante do seus projetos. E a 7ª SR em Teresina (PI). Enfim, a Codevasf nada está fazendo na sua área de origem, nada fará no remoto Piauí. Seus principais dirigentes são convocados de regiões que nada têm a ver com o Grande Vale, nem com irrigação.

Viagens ao exterior aos diretores regionais que emancipassem perímetros. Emancipações ao arripio da lei orgânica de colonização e custeadas pelo erário. Transformou-se numa agência de turismo. A Hungria foi um dos países mais visitados, registrando-se casos de um mesmo servidor ter percorrido os mesmos lugares duas ou três vezes. Até o titular do Controle Interno usufruiu.

Os perímetros “emancipados” foram entregues às respectivas, cujos dirigentes na sua maioria mal sabiam ler. As direções das cooperativas eram acirradas. À semelhança dos pleitos políticos, promessas de empregos, facilidades na obtenção de serviços, eram moedas de troca. Por seu turno, a Codevasf, diretamente da sede, repassava as rubricas orçamentárias para as cooperativas, desprezando o respaldo das DR. Seria enfadonho citar tudo. Até viagens de turismo em ônibus de luxo para os colonos/parceiros se deslumbrarem com as Cataratas do Iguaçu (PR) e Ciudad D’El Leste (Paraguai) faziam parte integrante do processo.

A Codevasf se transformou numa fornecedora de mão-de-obra para quaisquer órgãos federais, estaduais e/ou municipais que a requisitasse. Registram-se casos de servidores terem ficado ausentes, à disposição com ônus para a cedente, por mais de dez anos. Até sindicatos, associações, conselhos etc. No Baixo, o quadro é dramático, nenhum perímetro produz e as duas mais modernas usinas de beneficiamento de arroz da região faliram. Deixaram um enorme passivo e problemas com as Receitas Estaduais e os agentes financeiros. Suas portas se acham lacradas. Passadas mais de 3 décadas em que a Codevasf começou a atuar na região, que já era uma das mais pobres do Brasil, piorou. Hoje quase nada produz. E o pouco que produz é beneficiado longe. O dever impele a confessar que, produções apenas no Submédio e Sudoeste da BA.

Urgentemente, a Codevasf necessita se incorporar ao Brasil do presente, exemplo de operosidade, com ânsias concretas de liderar, ressuscitando os sonhos mais

ambiciosos e sutis de seus heróicos pioneiros.

### **Esperanças Concretas**

A projeção atual que desfruta o Brasil no concerto das nações, propicia à Codevasf momento ímpar de se impôr tecnicamente. O São Francisco volta a despertar atenção nacional e dourar os sonhos do sertanejo nordestino. É verdade que, por não pleitear, perdeu a glória de ser um instrumento da transposição. Inconsequentemente, jamais participou dos debates. Sendo natural administradora das águas deveria argumentar que transposição e revitalização não são excludentes. Ela possui meios a fim de provar que o São Francisco, malgrado às constantes agressões, permanece pulsante. Requer políticas sérias que o preservem, assim como seus afluentes. Coube-lhe a migalha de um simulacro de revitalização esparsa que deveria contemplar todos seus contribuintes, com ênfase especial àqueles de suas cabeceiras. Está engatinhando no saneamento básico e tratamento de esgotos. Contudo, não basta, urge dispôr de poder de polícia para combater a poluição, o desmatamento, uso de pesticidas, disciplinar o agronegócio, a mineração, o garimpo, a outorga e o uso de águas, monitorando-as. Enfim, há um elenco de ações disciplinadoras e restritivas que competem somente a Codevasf. Não recebeu a incumbência de construir as obras de mais relevo, porém precisa reivindicar o peso de sua operação.

Mesmo sem a sua participação, espera-se que as obras de transposição de águas do Velho Chico sejam concluídas independentemente do resultado das eleições presidenciais. Justiça Social é tudo que o nordestino reclama e a água é o seu vetor. O sanfranciscano sentir-se-á mais cristão e o Rio cumprindo seu destino com euforia e Sensatez.

Ocorre todavia que, para enfrentar o maior problema, a Codevasf não está

preocupada, em consequência não iniciou a se estruturar: a operação e a manutenção do complexo sistema. Proprietária das águas, em solos de sua jurisdição encontram-se as mais importantes elevatórias, canais, túneis, tubulações. O funcionamento portanto será o calcanhar de Aquiles desse magnífico alicerce de nossa brasilidade, sob pena de ser criada outra entidade, sem conhecimentos técnicos, nem sensibilidade humana a fim de operar o sistema. Em nomes dos órgãos trinos que, em épocas cruciais, foram encarregados institucionalmente de efetuar o desenvolvimento integral da bacia do nosso Opara, exige-se à Codevasf o direito de participar como autora e intérprete principal do processo. Ela não pode mais ser mera coadjuvante.

Parodiando David Byrne, assevero que os nordestinos e os sanfranciscanos, concretizada a transposição, serão mais oníricos, felizes e fraternos.

Às sombras do Rio da Integração Nacional repousam as esperanças de 18 milhões de barranqueiros e 12 milhões de sedentos nordestinos. O São Francisco não é futuro, não é pode ser, decididamente é. A vez e a hora da Codevasf chegaram.